



J. 224

V.

224

República

Fundador: DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA

Director: CARVALHO Director-Adjunto: ALFREDO GUIASO

O diário da tarde de maior circulação em todo o País

Chefe da Redacção e Editor: ARTUR INEZ

Redacção, Administração e Oficinas

Rua da Misericórdia, 116, 1.º — Telef. 25136 26532

Sábado, 1 de Março de 1958

Ano 47 (2.ª Série) — N.º 9764 — Preço 1\$00

Propriedade da «EDITORIAL REPÚBLICA»

UM ARTIGO E... UMA CARTA

Há dias um amigo remeteu-nos uma carta que acompanhava um artigo de «O Comércio do Porto», do dia 28 de Janeiro, da autoria do ilustre professor dr. Pacheco de Amorim.

A carta principiava assim: «Leia e medite... Para onde irá a França?».

Lemos muitas vezes, os artigos do dr. Pacheco de Amorim, porque são bem escritos e resultam, quase sempre, de autorizado estudo, dentro dos sectores da vida económica e social dos povos — e, quando o seu «campo» é este, há sempre que aprender na doutrinação do ilustre professor com quem, por vezes, poderemos estar em pleno acordo...

É pela leitura desses artigos que nos encontramos com o seu autor, a partir do Congresso Municipalista Minhoto de 1929, em Viana, em que trocámos as nossas impressões políticas, ouvindo-lhe afirmações sobre administração pública que nos mereceram o mais qualificado interesse pelo seu desassombrado tom!

Há semanas, lendo nos jornais diários, de correspondentes franceses, palavras do chefe de Governo Félix Gaillard — homem de Estado que tem na maior conta a realidade das forças do Tesouro da França, que parece acompanhar dentro de

Gago Coutinho e os satélites artificiais

RIO DE JANEIRO, 1 — O almirante Gago Coutinho, «visitante tradicional do Brasil», como lhe chamou um jornal carioca, chegou ontem no paquete «Vera Cruz» para uma estadia de quatro meses neste país. Interrogado sobre satélites artificiais, afirmou que a situação entre a URSS e a América do Norte não tardará a ficar equilibrada. — F. P.

De RODRIGO ABREU

uma assistência verdadeiramente atenta, estudiosa e técnica — vimos que a posição económica daquele País, era «verdadeiramente auspiciosa no caminho de melhoria».

A França, dizia o referido ministro, «está a trabalhar intensamente e bem»...

O artigo do dr. Pacheco de Amorim...

(Continua na 4.ª página)

Discriminação racial na América do Norte

LITTLE ROCK, 1 — Pela primeira vez, uma aluna branca foi expulsa do liceu local, teatro de tantos incidentes relacionados com a integração racial.

Sammie Dean Parker, a aluna em causa, distribuiu cartões dizendo: «Uma já se foi... restam mais oito» (uma das 9 estudantes de raça negra foi expulsa o mês passado). — F. P.

O POVO PORTUGUÊS E O LIVRO

JOSÉ CARDOSO PIRES

cita um «slogan»:

«Leia hoje os escritores de amanhã!»

Um dos problemas que se debate no inquérito sobre o livro, realizado por «República» para os seus leitores, diz respeito aos autores novos. E estes, serão igualmente ouvidos. Assim, procurámos hoje José Cardoso Pires, um dos elementos mais representativos da nova geração literária, assaz conhecido.

Publicou, em 1950, «Os caminheiros e outros contos», e trabalha actualmente no romance que intitulou «O Hóspede de Job», que será editado brevemente, pela «Ulis-seia».

Um telefonema e estava, marcado o encontro, que decorreu sem formalismos e isento de protocolo. Amável e felicitando-nos por esta iniciativa, logo respondeu, à primeira pergunta:

— Se o livro é hoje, pelas suas



José Cardoso Pires

ressonâncias sociais, tão necessário como o pão que alimenta o homem, acha que, no nosso País, ele está a cumprir a sua missão de agente de cultura?

— Parece-me que foi Valle Inclán — ou qualquer outro da Regeneração — que disse: «Há que defender a Espanha com os livros».

Mais de 3 milhões de desempregados na América do Norte

WASHINGTON, 1 — A Secretaria do Trabalho anunciou ontem um importante aumento do desemprego nos Estados Unidos, em meados de Fevereiro.

Durante a semana que terminou em 15 de Fevereiro, o número dos desempregados aumentou 158.500, elevando o total dos sem-trabalho e que beneficiam duma pensão, para 3.130.000, ou seja o total mais elevado que se registou nos Estados Unidos desde que, em 1938, foi instituído o regime de seguros contra o desemprego. — F. P.

As autoridades religiosas de Cuba

pedem a formação de um Governo de União Nacional que estabeleça a paz em todo o país

HAVANA, 1 — Em carta episcopal, distribuída a noite passada, Mons. Manuel Cárdenas Arteaga, e todos os bispos de Cuba pedem às autoridades responsáveis a formação de um governo de união nacional a fim de que o país regresse a uma vida política normal e cessem as violências. — F. P.

Os rebeldes intensificam suas actividades terroristas

HAVANA, 1 — Os rebeldes de Fidel Castro praticaram ontem novos assassinatos e actos de sabotagem. Indivíduos abateram em Santiago de Cuba o impedido do comandante...

A U.R.S.S. irá comprar café ao Brasil?

RIO DE JANEIRO, 1 — «Ninguém deverá admirar-se se o Brasil entabular brevemente negociações com a U. R. S. S. para a venda de café» — declarou o ministério das Finanças Alkimin aos correspondentes da imprensa. — F. P.

te militar da provincia do Oriente, general Alberto Riz Chaviano. O assassinio foi praticado quando o soldado esperava, em frente duma escola, a saída duma filhita do general para a levar a casa. Em relação com este caso, foram feitas mais de 50 prisões.

Numa pequena estação de caminho de ferro, na provincia do Oriente, um grupo de homens mascarados atacou um comboio, fazendo descer todos os passageiros e empregados e incendiando depois as carruagens e vagões.

Em Havana, foi lançado fogo a três autocarros.

Os rebeldes atacaram também propriedades agrícolas, fábricas para o tratamento do tabaco e uma escola, que incendiaram. Mataram um cultivador na presença da própria família e feriram dois outros. Foram encontrados, pendurados, os cadáveres de três homens, dos quais, dois estavam crivados de balas. — F. P.

Jantar de confraternização e homenagem

ao dr. Manuel João da Palma Carlos

Por iniciativa de um grupo de amigos e admiradores vai realizar-se no próximo sábado 8 de Março, pelas 19 horas, um jantar de confraternização em homenagem ao destacado democrata e ilustre advogado dr. Manuel João da Palma Carlos.

O banquete que deve realizar-se num dos Restaurantes da capital, a designar posteriormente, tem despertado grande interesse em Lisboa e na Provincia, onde o nome do homenageado conta gerais simpatias. A iniciativa deram já a sua adesão o ilustre escritor Ferreira de Castro e os srs. dr. Luís Francisco Rebelo, dr. António Alçada Baptista, dr. Câmara Reis, (Continua na última página)

O exército alemão tem 85 generais e almirantes

BONN, 1 — O exército alemão conta presentemente 85 generais e almirantes, cifrando-se os efectivos da nova Bundeswehr em 130.000 homens. No exército, há 59 generais; na aeronáutica, 14; na marinha contam-se 12 almirantes. — F. P.

A Arábia Saudita

apoia todos os esforços tendentes a reforçar a unidade árabe mas não enfileirá em nenhum dos blocos constituídos

RIAD, 1 — Uma nota oficial distribuída pelo Palácio Real desta cidade anuncia que o rei Seud «sentir-se-á satisfeito cooperando com todos os países árabes, no plano das obrigações que contraiu até à data».

Lembra que uma delegação iraco-jordana, chefiada pelos ministros dos Negócios Estrangeiro Samir Riffai e Borhaneddin Bashayan visitou recentemente a Arábia Saudita. O rei Seud «faz votos pelo êxito destes dois países irmãos, mas a atitude de Sua Majestade não se modificará; continuará a honrar, como até agora, as suas obrigações para com todos os países árabes», diz ainda o comunicado oficial, indicando que a missão iraco-jordana «deu o rei Seud todos os esclarecimentos relativos à União Árabe».

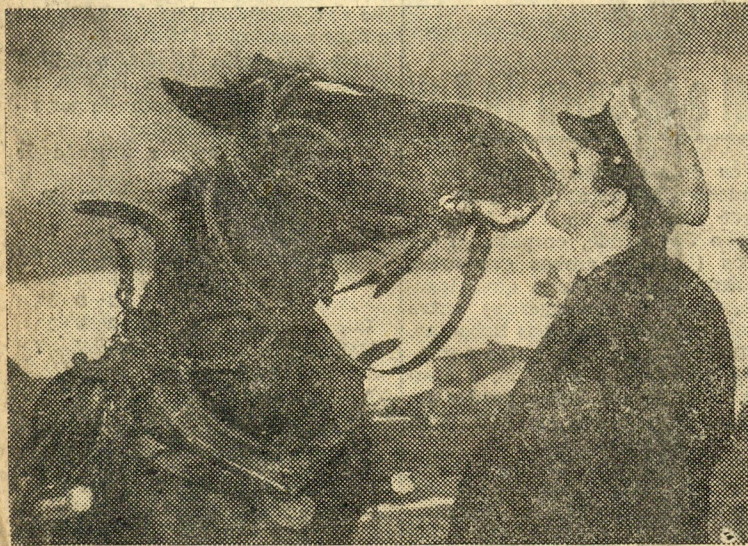
Quanto à visita do príncipe Herdeiro do Iemen, declara a nota: «O rei Seud recebeu explicações quanto à federação entre o Iemen e a República Árabe Unida. Sua Majestade

faz votos pelo progresso e o futuro destas três nações árabes irmãs... Pensa Sua Majestade que é do interesse árabe em geral e da Arábia Saudita em especial que o soberano da Arábia Saudita apoie todo o esforço tendente a apertar mais as fileiras árabes».

No entender dos observadores, esta declaração põe termo às especulações em volta da atitude do rei Seud relativamente às uniões siro-egípcia e iraco-jordana, e afirma claramente que a Arábia Saudita não tenciona aderir a qualquer dos dois «blocos». — F. P.

**ESTE NÚMERO
FOI VISADO
PELA CENSURA**

Um cigarro para o cavalo



Quando o actor Stanley Baker se encontrava na Costa Brava, em Espanha, a filmar «Fúria do Mar», encontrou «Canari», um cavaleiro que tristemente arrastava uma carroça. Aproveitaram-no para uma cena do filme e, no momento em que contracenavam, o actor disse-lhe, a brincar: «Vai um cigarro, camarada?». E logo a seguir, o cavalo, sem se fazer rogado, tirou-o dos lábios de Stanley Baker e começou a fumá-lo, tranquilamente.

O povo português e o livro

(Continuado da 1.ª página)

páginas mortas de alguns políticos de ideias barrocas, na geografia estática da História, como mandam os compêndios do Matoso? Ou nos surtos ocasionais em que a nossa alma se desnuda com testemunhos como os de Fernão Lopes, Gil Vicente, Camões, Mendes Pinto, Gaspar Correia, D. Manuel de Melo, Cavaleiro de Oliveira e por aí fora? Que experiência mais duradoura pode atestar o nosso retrato de portugueses, tão caprichoso de mudanças do século, as nossas grandezas e a nossa decadência?

«Não. A legenda de Valle Inclán tem, especialmente para nós, uma importância decisiva na circunstância perigosa de parceiros no jogo das armas a que nos vemos forçados».

Sem dinheiro não se compram livros; sem livros que respondam às verdadeiras solicitações da grande maioria do país, não pode haver compradores

— Apesar das inúmeras possibilidades que a técnica moderna proporciona a uma eficiente expansão livreira, o mercado do livro português é modesto. Como considera este facto? E como o explica?

— Parece-me oportuno que se insista no condicionamento em que tudo vive neste mundo e em particular esse elemento complicado, agudo, pertinz na sua função, que é o livro. E de tal modo que a sua escala de expansão é, já de si, um índice do desfogo económico de um País e do prestígio «de facto» que internacionalmente lhe é atribuído em determinada circunstância histórica.

«A crise da venda e da produção — esse problema que em Portugal à força de apregoado a torto e a direito, é como que a célebre discussão às portas de Tróia — a crise do livro não provém da histeria colectiva do futebol como já li um dia. Nem da televisão ou do rádio, que isso — provam-no as estatísticas inglesas — pouco representa no balanço das oscilações do movimento editorial. O problema depende — acho eu — do nível de cultura e do poder de compra das populações, e também do prestígio interno e externo do nosso livro.

«Sem dinheiro não se compram obras; sem obras que respondam, através dos temas nelas desenvolvidos, às verdadeiras solicitações da grande maioria do País, não pode haver compradores. Aqui está o primeiro e fundamental impasse da questão.

«E tanto isto é verdadeiro que actualmente se vende menos literatura portuguesa do que há dez ou doze anos atrás. Repare em que os jornais estrangeiros têm entre nós um público bastante apreciável e que, no caso de certos periódicos franceses, o nosso mercado figura entre o dos primeiros importadores, tomada em conta, já se deixa ver, a nossa população.

«Por outro lado, os livreiros têm um campo de trabalho menos certo nas edições nacionais do que nas estrangeiras. Aquelas aparecem-lhes desprotegidas da publicidade, da celeuma e da emulação viva que acompanham as outras, que vêm garantidas com as cintas «Goncourt», «Femina», «Nobel» ou «Poltzer».

— Mas os editores...

— Sim, ligado directamente às contingências dos livreiros, o editor por seu turno desencoraja-se. As suas edições vivem de um mercado interno reduzido, o livro português não granjeou o prestígio internacional que, por via política e diplomática, outros têm procurado granjear. Convenço-me de que a situação se poderia melhorar consideravelmente se fosse na realidade desenvolvida uma activida-

de de expansão e de nobilitação do livro português tanto no País como no estrangeiro.

«No País, ampliando e dando garantias efectivas à acção das bibliotecas ambulantes; reforçando com contribuições as salas de leitura das agremiações recreativas, sociedades regionalistas e outras. Finalmente, intensificar a campanha contra o analfabetismo num sentido de elevação, particularmente nas Casas do Povo. Interessar esses sectores rurais na leitura só é possível se lhes forem dadas obras de variada expressão.

«Quanto ao prestígio do livro estrangeiro bastaria lembrar o imenso mercado do Brasil, as dezenas de Universidades espalhadas na Europa e nas Américas para que se compreenda o espantoso campo de trabalho que se nos oferece para a expansão e dignificação das nossas obras. Siga-se o exemplo da França, da Itália, dos E. U. A., do Brasil, veja-se como, através de exposições de agências editoriais e de intercâmbios, veja-se como se dá nome ao País e se faz política do espírito».

O problema da falta de jornais onde os autores novos possam ensaiar a sua aprendizagem

— Como entende que deve estimular-se a edição de autores novos e qual lhe parece que deve ser a acção da Sociedade de Escritores Portugueses?

— Os prémios literários, prémios que estejam creditados junto do público impulsionam, consideravelmente, a actividade não

só dos autores, como dos editores e dos livreiros. A melhor publicidade de uma obra seria essa e, também, o melhor meio para a revelação de novos escritores.

«Fala-se naturalmente da necessidade de se publicarem novos escritores. Mas sem prémios, sem jornais onde possam ensaiar a necessária aprendizagem para o primeiro lance da maioridade, sem editores que se abalancem a correr o duplo risco de publicarem um autor português e ainda por cima desconhecido — sem nada disto, como é possível falar em falta de talentos novos, como se tudo tivesse parado nesta terra por sortilégio dos demónios familiares? Há dois anos as paredes do metropolitano de Londres tinham cartazes de todo o tamanho anunciando uma colecção de jovens autores. «Leia hoje os escritores de amanhã!» — dizia-se no anúncio.

«Creio que a Sociedade de Escritores cabe papel importante na divulgação destes novos elementos na medida em que lhes facilita a experiência do convívio intelectual e lhes considera as produções na disputa de troféus literários — como é o caso daquele que actualmente está organizado».

— A falta de Clubes do Livro não contribuirá para essa limitação?

Responde:

— Creio que sim, mas vejo nisso um aspecto secundário. Um Clube do Livro exige uma orgânica de tipo evoluído, com requintes bibliográficos que embora de todo o ponto estimáveis não tocam o fulcro do problema.